



5423

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO I

ANO XII — N.º 133

CAPITAL FEDERAL

QUARTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 1957

CONGRESSO NACIONAL

Presidência

Convocação de Sessão Conjunta para apreciação de "Veto"

O Presidente do Senado Federal, nos termos do art. 70, § 3.º, da Constituição Federal, e do artigo 45 do Regimento Comum, convoca as duas Casas do Congresso Nacional para, em sessão conjunta a realizar-se no dia 13 de Agosto próximo, às 21 horas, no edifício da Câmara dos Deputados, conhecerem do veto presidencial ao Projeto de Lei (n.º 1.830, de 1956, na Câmara dos Deputados, e n.º 120, de 1957, no Senado Federal)

que extingue o Quadro Auxiliar de Administração do Exército e o de Topógrafos do Serviço Geográfico do Exército, dispõe sobre a formação do Quadro de Oficiais de Administração e do Quadro de Oficiais Especiais, e dá outras providências.

Senado Federal, em 24 de Julho de 1957.

João Goulart

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Mesa

Presidente — Ulisses Guimarães.
Primeiro Vice-Presidente — Flores da Cunha.
Segundo Vice-Presidente — Godofredo Iha.
Primeiro Secretário — Wilson Fadul.
Segundo Secretário — Nicanor Silva.
Terceiro Secretário — Rocha Loures.
Quarto Secretário — Miguel Leuzen.
Primeiro Suplente — Mendonça Braga.
Segundo Suplente — Pereira da Silva.
Terceiro Suplente — Dix-sept Resado.
Quarto Suplente — Oceano Carleial.
Secretário — Nestor Massena, Secretário Geral da Presidência.
Reunião — As quintas-feiras, às 18 horas.

Líderes e Vice-Líderes

DA MAIORIA

Vieira de Melo — Líder.
 Luis Compagnoni — Vice-Líder.
 Emilio Carlos — Vice-Líder.
 Leoberto Leal — Vice-Líder.
 Hugo Napoleão — Vice-Líder.
 José Joffily — Vice-Líder.
 Armando Faiche — Vice-Líder.

DA MINORIA

Batista Ramos — Líder.
 Manoel Novaes — Vice-Líder (PR).
 Chagas Rodrigues — Vice-Líder.
 Sérgio Magalhães — Vice-Líder.
 Aarão Steinbruch — Vice-Líder.
 Josué de Souza — Vice-Líder.
 Ari Pitombo — Vice-Líder.
 Dilermando Cruz — Vice-Líder (PR).
 Roxo Loureiro — Vice-Líder (P).
 Armando Rolimberg — Vice-Líder (PR).

DO BLOCO PARLAMENTAR DA OPOSIÇÃO

Afonso Arinos — Líder.
 Nestor Duarte — Vice-Líder.
 Ernani Satyro — Vice-Líder.
 Luis Garcia — Vice-Líder.

Herbert Levy — Vice-Líder.

Ivan Bichara — Vice-Líder.

DOS PARTIDOS

PSD

Vieira de Melo — Líder.
 Cid Carrilho — Vice-Líder.
 Amaury Pedrosa — Vice-Líder.
 Jefferson Aguiar — Vice-Líder.
 Mario Gomes — Vice-Líder.
 Nonato Marques — Vice-Líder.
 Otacillo Negrão — Vice-Líder.

UDN

Carlos Lacerda — Líder.
 Adahil Barreto — Vice-Líder.
 Corrêa da Costa — Vice-Líder.
 Newton Carneiro — Vice-Líder.
 Segismundo Andrade — Vice-Líder.
 Rui Santos — Vice-Líder.
 Mário Guimarães — Vice-Líder.

PTB

Batista Ramos — Líder.
 Chagas Rodrigues — Vice-Líder.
 Sérgio Magalhães — Vice-Líder.
 Aarão Steinbruch — Vice-Líder.
 Josué de Souza — Vice-Líder.
 Floriano Rubim — Vice-Líder.
 Cid Campelo — Vice-Líder.

Azia Maron — Vice-Líder.

Gabriel Hermes — Vice-Líder.

PSP

Ferreira Martins — Líder.
 Lourival Almeida — Vice-Líder.
 Virgínio Santa Rosa — Vice-Líder.
 Galvão de Medeiros — Vice-Líder.

PR

Manoel Novaes — Líder.
 Dilermando Cruz — Vice-Líder.
 Roxo Loureiro — Vice-Líder.
 Armando Rolimberg — Vice-Líder.

PE

Raul Pila — Líder.
 Nestor Duarte — Vice-Líder.

PRP

Ponciano dos Santos — Líder.
 Nestor Pereira — Vice-Líder.

PSS

Rogê Ferreira — Líder.
 Aurélio Viana — Vice-Líder.

PDC

Arruda Câmara — Líder.
 Alfredo Palermo — Vice-Líder.

PTN

Emílio Carlos — Líder.

PRT

Grumê Mendonça — Líder.

de que ainda no decorrer de 1956 uma perfuratriz seria montada e começaria a funcionar na região de Rio Claro, Estado de São Paulo, quais as razões pelas quais até agora tal não aconteceu;

5.º) quais os resultados até agora obtidos na perfuração em andamento na cidade de Presidente Epitácio, Estado de São Paulo.

Sala das Sessões, em 29 de julho de 1957. — *Castilho Cabral*. Era o que tinha a dizer. (*Muito bem*).

O SR. FERNANDO FERRARI:

(*Para uma comunicação*) (Sem de hoje sem inscrever nos Anais da revisão do orador) — Sr. Presidente, não poderia deixar passar o dia Câmara um voto de sincero e veemente homenagem à Rádio Continental e à Metropolitana, que comemoram, nesta data, mais um aniversário — o nono aniversário — desuas atividades em favor da democracia, da cultura e da vida social brasileira.

Quando cheguei à Câmara dos Deputados, encontrei, desde o início, nessas emissoras da cultura, do Congresso e da democracia, um alto espírito público, uma enorme vontade de bem informar, de bem instruir, de bem irradiar lá fora os debates acompanhando, há muito tempo, a que se travava nesta Casa. E venho acompanhar que essas simpáticas emissoras empreendem tendo sempre em vista o bem coletivo, o bem comum.

Por isso, Sr. Presidente, desejo que esta Casa — e creio que poderia falar em nome de todos os partidos, que conhecem a atividade patriótica dessas emissoras — registre com particular prazer a passagem desse aniversário. E mais, Sr. Presidente, que as nossas manifestações de aplauso, de solidariedade, de carinho para com as referidas emissoras se estendam aos seus dignos funcionários, aos seus trabalhadores, desde os mais modestos aos mais categorizados, que ali diuturnamente exercem o seu labor, às vezes humilde, às vezes despercebido, mas com alto sentido público e patriótico.

O Sr. José Alves — Sr. Deputado, em nome do Partido Trabalhista Brasileiro do Estado do Rio, quero presta à Rádio Continental e à Metropolitana a homenagem que V. Ex.ª faz.

O Sr. Celso Pecanha — V. Ex.ª, Sr. Deputado Fernando Ferrari, está interpretando o pensamento de todos os partidos, de todos aqueles que apreciam a radiodifusão bem informativa.

O SR. PRESIDENTE (*Fazendo soar os timpanos*) — Atenção!

O SR. FERNANDO FERRARI — Tenha V. Ex.ª, Sr. Presidente, um pouco de paciência, já que estamos homenageando emissoras que mais serviços têm prestado à democracia.

O SR. PRESIDENTE — Paciência eu tenho. O Regimento é que não tem. (*Riso*)

O SR. FERNANDO FERRARI — Era o que queria dizer, agradecendo a atenção e a *blague* de V. Ex.ª, Sr. Presidente, certo, de outro lado, de que V. Ex.ª não deixará de associar-se às homenagens que estamos prestando aqui no plenário a essas emissoras da democracia. (*Muito bem*).

O SR. JOSÉ ALVES:

(*Para uma comunicação* — Sem revisão do orador) Sr. Presidente, queria tratar de dois assuntos neste instante. Primeiro, prestar minha homenagem ao Sr. Antônio Tróisi Filho, que foi credenciado para representar o Ministério do Trabalho no Instituto Nacional do Sal, homenagem que neste momento se justifica porque se trata de um dos elementos mais destacados da bancada da imprensa nesta Casa. Representante do Rio de Janeiro, Estado que tem interesse no Instituto Nacional do Sal, porque um dos maiores produtores do País, quero congratular-me com o Governo por essa feliz iniciativa.

Por outro lado, queria, agora, congratular-me com o Conselho Nacional do Petróleo pela providência que a temperatura média de nosso País vem de tomar no sentido de adotar para entrega da gasolina às empresas intermediárias.

Há tempos, Sr. Presidente, denunciarei a esta Casa uma irregularidade que trazia graves prejuízos à Nação, ou seja, a nossa gasolina estava sendo entregue às companhias intermediárias na base de 15 graus, temperatura esta estabelecida na Europa. Mas, entregue aqui no Brasil essa mesma gasolina a 15 graus, as companhias intermediárias estavam tendo um lucro ilícito médio de 84 litros em 10 mil litros. Denunciei esse fato à Casa e pedi ao Conselho Nacional, porque essa distribuição de preço do Petróleo tomasse as providências que a temperatura média de 23 graus, e que, efetivamente, a entrega a 15 graus causava grande prejuízo à Nação. Na próxima semana o Conselho irá resolver o problema. Não se justificava de forma alguma que o Brasil continuasse a entregar a gasolina a 15 graus, quando na Indonésia, que se tinha levantado contra essa temperatura, foi adotada a temperatura de 27 graus. E o México, ao mesmo passo, protestou contra essa modalidade de entrega da gasolina, tanto que exigiu a temperatura média de 20 graus.

Conforme estatística que tenho em mãos, a faixa de maior consumo, no Brasil, ou seja, de 70%, é constituída pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, que estabeleceram a temperatura média de 22 graus.

É natural, por conseguinte, que o Conselho Nacional do Petróleo adote, pelo menos, a temperatura do México, igual à da faixa de maior consumo do nosso País.

Assim procedendo, o Conselho Nacional do Petróleo estará realizando obra patriótica, pois o Brasil vem sendo grandemente prejudicado com a entrega de gasolina por nossas refinarias às companhias intermediárias. Quando o produto vinha diretamente dos Estados Unidos e era distribuído às firmas americanas, nenhum prejuízo sofria a Nação. Desde que, entretanto, passou a ser produzido em nossas destilarias, para ser entregue às firmas americanas, o prejuízo se fez sentir.

O Brasil, portanto, está de parabéns com a providência determinada pelo Conselho Nacional do Petróleo. (*Muito bem*).

O SR. PRESIDENTE: — Tem a palavra o honrado Deputado Sr. Josué de Castro, por permuta com o honrado Deputado Pereira da Silva, último orador do Pequeno Expediente.

O SR. JOSUÉ DE CASTRO:

(*Para uma comunicação* — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, não podia deixar de vir à tribuna no dia de hoje para manifestar meu aplauso, minha admiração, pelos altos propósitos dos estudantes brasileiros reunidos no XX Congresso Nacional dos Estudantes, na Cidade de Friburgo.

Os trabalhos, os estudos e os debates que se vêm desenrolando nesse conclave demonstram bem a seriedade de propósitos da juventude brasileira através de suas classes estudantis, que não desejam permanecer isoladas, divorciadas da realidade crítica da hora presente, no mundo e no Brasil. Informados da direção dos problemas sociais do mundo e das contingências atuais de nossa Pátria, procuram manifestar-se no sentido da busca de um caminho que seja o da redenção, da salvação para o País, no sentido da defesa integral do nosso patrimônio, da defesa nacionalista da nossa riqueza material, da nossa riqueza humana, da nossa riqueza cultural.

Assim, pondo em relevo que o Brasil pode ter esperança em sua juventude, desde que as novas gerações se prepararam para receber a herança do passado e fazer crescer, desenvolver-se o Brasil numa linha verdadeiramente de interesse da coletividade brasileira, congratulo-me com essa juventude pela realização do XX Congresso Nacional dos Estudantes, desejando-lhes o maior sucesso, as maiores vitórias e conquistas. (*Muito bem*).

O SR. PRESIDENTE: — Passa-se ao Grande Expediente. Tem a palavra o Sr. Prota Aguiar, por permuta com o Sr. Jefferson Aguiar.

O SR. FROTA AGUIAR:

(*Sem revisão do orador*) — Sr. Presidente, Sr. Deputados, antes de tratar do assunto que me traz a tribuna, desejo dar notícia à Casa de um fato a respeito do qual ainda não houve publicidade. Trata-se da reunião ontem realizada no Palácio das Laranjeiras pelo Sr. Presidente da República, à qual compareceram Vereadores de Belo Horizonte, aos quais S. Ex.ª comunicou que mandara abrir um crédito de 80 milhões de cruzeiros para melhoramento do serviço d'água daquela cidade montanhosa.

Até aí, Sr. Deputados, nada demais, S. Ex.ª só pode merecer os aplausos dos representantes do povo pela boa vontade demonstrada. Mas seria patriótico também e de coerência elogiável se S. Ex.ª do mesmo modo convidasse os Vereadores das diversas capitais do País e lhes comunicasse a abertura de crédito para auxílio e melhoramentos do serviço de águas dessas cidades. Se S. Ex.ª ainda não teve esta lembrança, presto-lhe esta colaboração patriótica, sugiro que siga esse caminho, e terá por certo os aplausos de todos os representantes do povo aqui reunidos. O ato de S. Ex.ª é também uma resposta, ao pé da letra, ao Plano de Economia do Professor José Alkmin.

Entrou agora no tema do meu discurso. (*Lê*):

Sr. Presidente, Sr. Deputados, Apenas desejo juntar ao assunto por mim já ventilado, nesta tribuna, algumas palavras mais, em face da situação escandalosa que envolve o caso dos doentes mentais remidos do Hospital Gustavo Riedel, injustamente transferidos, como indigentes, para a Colônia Juliano Moreira, em Jacarépagua.

Direi, inicialmente, algo concernente do histórico do trato dos doentes mentais no Brasil, conforme a serviva ou alocação do Professor Juliano Moreira.

Da edição especial de 1955, homenageando "Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria" pela passagem de seu cinqüentenário, extrai-me alguns tópicos do trabalho do inesquecível Professor Juliano Moreira, intitulado "Notícias sobre a Solução da Assistência a Alienados no

Brasil": — "Descoberto e colonizado, como o Brasil, por um povo cujos bons princípios de assistência a alienados custaram a ter dedicados adeptos, seria quase utopia esperar fosse dos primeiros países a cuidar convenientemente de seus insanos".

"Através de todo o perigo Colonial, os alienados os idiotas os imbecis foram tratados de acordo com suas posses. Os abastados e relativamente tranquilos eram tratados de acordo com suas posses. Eram tratados em domicílio e as vezes enviados para a Europa, quando as condições físicas dos doentes o permitiam e aos parentes, por si mesmos ou por conselho médico se afigurava eficaz a viagem. Se agitados, punham-nos em algum cômodo separado, soltos ou amarrados, conforme a intensidade da agitação."

"Os mentecaptos pobres, tranquilos vagueavam pelas cidades, aldeias ou pelo Campo entregues às chufas da garotada, mal nutridos pela caridade pública. Os agitados eram recolhidos às cadeias, onde barbaramente amarrados e piormente alimentados; muitos faleciam mais ou menos rapidamente."

"Correram exclusivamente assim os tempos até o começo do século XIX. Com a vinda para o Brasil da Corte de D. João VI, houve um rápido desenvolvimento do meio urbano, um certo gosto pelo luxo, o aumento da luta pela vida, trazendo também um relativo aumento de casos de alienação mental. Cresceu o número de tais infelizes nas prisões."

"Grandes foram os serviços prestados por D. João VI ao País, mas dos pobres alienados ninguém se lembrou então. Sucedeu-lhe D. Pedro I, que apesar de os ter visto nas masmorras da Misericórdia, ainda nada por eles fez."

"Em 1830 a Comissão de Salubridade da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo seu relator, Dr. Jobim, levantou o primeiro protesto público contra o modo desumano por que eram tratados os insanos. Ela reclamou urgentes modificações no modo de distribuí-los, nos cuidados de asseio, protestou contra os maus tratos que lhes infligiam, clamou pela necessidade da criação de um asilo especial para alienados."

"Em 1835, o Dr. Sijaud assinalava no Diário de Saúde os inconvenientes do livre trânsito pela cidade, de alienados que, expostos à irradiação dos garotos, chegavam até a cometer crimes. Em 1873 o Dr. Antonio Luiz da Silva Peixoto, em sua tese inaugural sobre a alienação mental, expunha o estado precário da assistência aos loucos, protestava contra o uso do tronco e pedia providências urgentes. Em 1889 o Dr. Luiz Vicente de Simoni, no 6.º número (Setembro) da Revista Médica Fluminense, publicou sua memória sobre a "Importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimento especial para tratamento dos alienados". Nesse artigo, aquele excelente prático, que durante quinze anos insistira junto às providências da Santa Casa pela urgência de melhoras na sorte dos alienados, contava ao vivo o que essas pobres sofriam, e repetindo as reclamações supracitadas, reforçava-as com a convicção de quem vivia de há muito presenciando de coração opressão tanto infórbano inerecível."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."

"Seja dito, para a honra da classe médica, que Jobim e Simoni sempre protestavam contra, não tremendo estado de coisas. Provador que o ouvisse, só houve, porém, José Clemente, que, em 1880, em seu relatório à mesa da Santa Casa, afirmou a urgência de serem atendidas as reclamações dos homens de ciência, que eram da humanidade."